

ESTUDOS

AMOR PARA ALÉM DA MORTE OU AS “CRUZES DE LEONOR”

Miguel Alarcão
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

Oh, pedaço de mim!
Oh, metade exilada de mim!
Leva os teus sinais;
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais.

...

Oh, pedaço de mim!
Oh, metade adorada de mim!
Leva os olhos meus;
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor...
Adeus!

(Pedaço de Mim,
Autor: Chico Buarque de Hollanda
Intérprete: Simone)

Palavras prévias:

Como adiante se explicará, este título subentende, consciante e deliberadamente, alguns implícitos sentidos. Na verdade, julgamos poder afirmar que, para o português medianamente instruído, o tema e o mito de um “amor para além da morte” e “até ao fim do mundo” evocarão de imediato a figura de Inês de Castro;¹ e a este nome, os mais informados somar-lhe-ão o

de alguém que décadas de investigação apaixonadamente intensa — E vice-versa — consagraram como a autoridade mundial na representação, (re)criação e fortuna (literárias, lendárias, artísticas, históricas, culturais enfim) da “... mísera e mesquinha/ Que depois de ser morta foi Rainha” (Camões 140). Falamos, naturalmente, da Professora Maria Leonor Machado de Sousa, cuja vida foi marcada por ‘cruzes’ de bem difícil transporte e nem sempre fáceis de conciliar no seu duplo simbolismo, sacrificial e redentor, do sofrimento e da fé. Apesar de não serem Pedro e Inês, mas Eduardo e Leonor, o objecto principal deste ensaio, dedicamo-lo, com gratidão, admiração, respeito e carinho, à Professora Leonor, bem como à memória de outra grande filóloga homónima (Maria Leonor Carvalhão Buescu, 1932-1999) e de outra ‘Castro’ (Teresa, 1959-1995), “... bonina, que cortada/Antes do tempo foi...” (Camões 144).

I — De Pedro e Inês ...

O alargamento e a irradiação, à escala global, do episódio histórico inesiano para os círculos concêntricos da literatura, da lenda e do mito são hoje sobejamente conhecidos graças aos numerosos estudos assinados por Maria Leonor Machado de Sousa, com destaque para os citados na nota inaugural. É, pois, neles que nos apoiaremos para algumas observações de carácter genérico.

O facto de se conhecerem poucos testemunhos coevos (e mesmo esses bastante lacónicos...) do “grande desvairo” que se aposou do infante D. Pedro (futuro D. Pedro I, 1357-1367) e da bárbara execução de Inês em Coimbra (1355), nos paços de Santa Clara, sitos em local anexo ao mosteiro recentemente recuperado, não invalidaria (*Et pour cause?*) as múltiplas recriações, interpretações e conjecturas de que as personagens e os factos históricos originais foram objecto, incluindo o carácter da ‘Colo-de-Garça’: uma jovem doce e ingénua, sincera e devotamente apaixonada pelo seu príncipe? Ou, pelo contrário, uma ‘serpente’ ambiciosa, calculista, dissimulada e desleal a D. Constança Manuel (?-1345),² de quem fora aia e cujo séquito, aliás, trouxe-ra de terras de Espanha para areias de Portugal? Todavia, além da exploração das amorosas razões que a Razão desconhece, há ainda a considerar essa “razão de Estado” que, no caso vertente, entrevia no vínculo entre a formosa fidalga galega e o impetuoso infante português³ um aumento de influência e poderio de D. Fernando e D. Álvaro Pires de Castro, irmãos de Inês, na cena política portuguesa,⁴ bem como num eventual casamento

dos amantes e na legitimação/legitimidade de D. João e D. Dinis uma secundarização sucessória do último soberano da casa de Borgonha (D. Fernando, 1367-1383). Como pano de fundo de todo este cenário, agravado, uma geração mais tarde, pela ameaça à própria sobrevivência de Portugal enquanto nação e estado independentes, será relevante aludir a realidades transfronteiriças, como o facto de a questão inesiana ocorrer em data já próxima da eclosão das guerras de Castela (1369), reino a que a coroa portuguesa se achava ligada através de uma ‘suicida’ política de casamentos, vigente até final da dinastia de Avis; a volatilidade política na Península, resultante da tensão entre o centripetismo castelhano e o centrifugismo dos restantes reinos hispânicos; e, finalmente, o conflito anglo-francês (1337-1453), que, numa época marcada pela consolidação dos sentimentos e das consciências de identidade nacional e das motivações patrióticas, acharia no mosaico ibérico pontos de apoio conjunturais, por entre alianças instáveis e periclitantes equilíbrios.

Segundo o antropólogo Jorge Dias, “... há qualquer coisa de estático na emoção portuguesa. O fundo contemplativo da alma lusitana compraz-se na repetição ou na imobilidade da imagem. Uma das características mais importantes da saudade é precisamente essa fixidez da imaginação, que, por intensidade, se pode tornar em ideia motora e conduzir à acção” (44). Neste sentido, e decorridos cinco anos sobre os funestos acontecimentos de Coimbra, é difícil não ver na declaração de Cantanhede, proferida por D. Pedro em 15 de Junho de 1360 (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 19, n. 8) e proclamando oficialmente a existência, em data incerta (1353?), de um casamento secreto, o prelúdio dos actos e das cerimónias que documentam esse “amor para além da morte” como força motriz do nosso primeiro “Rei-Saudade”, na expressão de António Patrício (1878-1930). Assim, pese embora a natureza não-histórica (ou não comprovadamente histórica) da entronização, da coroação (introduzida no ciclo pelo dramaturgo Jeronimo Bermudez em 1577)⁵ e do beija-mão do cadáver de Inês, amplamente retomados pelas literaturas e artes plásticas portuguesas e estrangeiras, a feérica trasladação dos restos mortais de Coimbra para Alcobaça (1361) teve lugar por ordem e vontade reais; outro tanto se diga da dupla tumulação dos amantes, em arcas finamente lavradas por mãos anónimas, oriundas talvez da escola de Coimbra (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 27),⁶ mesmo não sendo possível sancionar historicamente a tradição de um reencontro imediato face a face (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 277 e 354-355)⁷ quando da ressurreição dos mortos e na vida do mundo que há-de vir.

No cair do pano desta primeira parte, vale a pena recuperar, apesar de extensa e conhecida, a evocação feita por Fernão Lopes (c.1380/90?-c.1459?), nomeado Cronista-Mor do Reino pelo nosso segundo Rei-Saudade (D. Duarte, 1433-1438):

Raramente se encontrou em alguém um amor tão grande como aquele que el-rei D. Pedro teve a D. Inês. Por isso se lhe podia aplicar o dito dos antigos, segundo o qual não há amor tão verdadeiro como aquele ao qual o grande espaço de tempo não faz perder da memória a pessoa amada que morreu.

... E não se esquecendo de honrar os seus ossos, pois já mais nada lhe podia fazer, mandou construir um moimento de alva pedra, ... muito delicadamente obrado, com a imagem dela sobre a campa de coroa na cabeça como se fosse rainha, e mandou-o colocar no Mosteiro de Alcobaça, não à entrada, onde jazem os reis, mas dentro da igreja, à mão direita, junto da capela-mor.

E mandou trazer o seu corpo do Mosteiro de Santa Clara onde jazia, com a maior honra que foi possível. Porque ela vinha num caixão muito bem arranjado ... , trazido por grandes cavaleiros, com acompanhamento de grandes fidalgos e muita outra gente, e donas e donzelas e muita clerezia. Ao longo do caminho havia muitos homens com círios nas mãos, dispostos de tal maneira que sempre o seu corpo caminhou por entre círios acesos. Assim chegaram até o dito mosteiro, que ficava a dezassete léguas, onde com muitas missas e grande solenidade o caixão foi posto naquele moimento. E foi esta a mais honrosa trasladação que até aquele tempo fora vista em Portugal.

Semelhantemente mandou el-rei fazer para si outro moimento, tão bem lavrado como o outro, e mandou-o pôr junto do dela para nele o deitarem, quando viesse a morrer. (Lopes 53-54)⁸

Conforme notou há muito Johan Huizinga, “No other epoch has laid so much stress as the expiring Middle Ages on the thought of death” (140). Nesta travessia, em sentido retrógrado, dos amores luso-galaicos de Pedro e Inês para os anglo-castelhanos de Eduardo e Leonor, começaremos por fazer, já fora da rota cronológica, brevíssima escala na relação que uniu Henry II (1154-1189), bisavô de Eduardo, a Rosamund (ou Rosamond) Clifford, falecida em/c.1176, e cujas representações literárias Maria Leonor Machado de Sousa confrontou com as suas análogas inesianas,⁹ notando em dada altura:

O Rei, enfurecido, pune a Rainha [Leonor da Aquitânia, c.1122-1204] e quer ver mais uma vez a sua amada. A funda impressão nele provocada levou-o a escolher um epitáfio ... para o

belo túmulo ... edificado no convento de Godstow [cerca de 4 km a noroeste de Oxford], com indicações de cerimónias que em sua honra deveriam ser realizadas 'até ao fim dos tempos'. (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português...* 478)

Segundo a mesma fonte, citando o cartógrafo e antiquário John Speed (1552-1629), autor, entre outras obras, da *Historie of Great Britaine* (1611), próximo de Godstow existiria uma cruz com a seguinte inscrição: "All you which passe this way, This Cross adore, and pray/That Rosamund's Soule, may True rest possess for Aye" (483). Desconhecemos quem (e quando) a terá mandado construir, bem como se, ao contrário da rapacidade vandálica que viria a abater-se sobre Godstow em meados do século XVI, por alturas da dissolução das ordens e da expropriação dos bens eclesiásticos, essa cruz, mutilada ou não, terá sobrevivido à inclemência dos tempos e dos homens. Em qualquer caso, focaremos agora o amor conjugal e real — no duplo sentido do termo — que, na vida como na morte, uniu Edward I (1272-1307) e Leonor de Castela (1241?-1290), materializando-se nas famosas *Eleanor Crosses*.

II — ... a Eduardo e Leonor

Filha de Fernando III, "o Santo", primeiro monarca conjunto dos reinos de Castela (1217-1252) e Leão (1230-1252), e da sua segunda mulher, a condessa Jeanne de Ponthieu, o ano de nascimento de Leonor não é consensual, variando quase sempre entre 1240 e 1244, se bem que 1241 seja a data que regista aparentemente maior número de ocorrências. Em qualquer caso, Leonor era, pois, adolescente à data do seu casamento com Edward, celebrado em Outubro de 1254 em Santa Maria La Real de Las Huelgas, Burgos; além de panteão dos monarcas de Castela, curiosamente um mosteiro cisterciense, tal como Santa Maria de Alcobaça, e cuja fundação remonta a outro anterior casamento anglo-castelhano.¹⁰ No caso de Edward e Leonor, tratou-se, conforme era corrente na época, de um enlace ditado por conjunturas político-diplomáticas¹¹ decorrentes das pretensões de Alfonso X, "o Sábio" (1252-1284), meio irmão de Leonor, à região sul da Aquitânia (Gasconha).¹² As reivindicações castelhanas eram, porém, mais antigas, como nota, enquadrando-as, María Bullón-Fernández:

... da perspectiva das alianças e políticas régias, o século XII assiste a um interesse Anglo-Normando crescente face à Ibéria e,

em particular, a Castela. Uma razão vital ... consistia no domínio Angevino sobre a Aquitânia, um ducado que fazia fronteira com Navarra e Aragão e que era uma fonte de grande tensão entre Inglaterra e Castela. Como parte da crescente colaboração... Henrique II casou a sua filha Eleanor com Afonso VIII, em 1176. Este casamento deteve um leque abrangente de implicações. O capítulo IV ... [Walker 75-94] examina a importância destes matrimónios e a sua influência nos intercâmbios Anglo-Ibéricos numa perspectiva cultural e de história de arte como, por exemplo, a fundação do Convento de Las Huelgas por Eleanor e Afonso VIII. Walker também examina um posterior casamento real Anglo-Ibérico que se encontra associado ... a Las Huelgas: o filho de Henrique III, o futuro Eduardo I, casado com a irmã de Afonso X, Leonor, provavelmente nesse convento em 1254. ... Em 1254, aproximadamente, Henrique III e Afonso X assinaram o importante Tratado de Toledo, que colocou fim às pretensões de Afonso sobre a Aquitânia Estas ligações estabelecidas entre Henrique III, Afonso X, Eduardo I e Leonor, resultaram ... em importantes intercâmbios culturais e diplomáticos entre Inglaterra e Castela que precisam de ser abordados em maior detalhe. (Bullón-Fernández 17-18)13

Como vimos, através do casamento de 1254, as pretensões alfonsinas foram transferidas para o moço Edward, cuja carreira militar e política, antes e depois da sucessão ao trono (1272), ficaria marcada pelas guerras baroniais (1258-1265), pelo cruzadismo, pelos desígnios 'imperialistas' subjacentes às campanhas galesas das décadas de 70 e 80 e às suas congéneres escocesas, menos bem sucedidas, na transição intersecular, para já não falar na celebração da *Auld Alliance* (1295), nas crises na Gasconha, na expulsão dos judeus, na abundante produção estatutária, na criação do *mal(e)tolt* (1294-1297), na consolidação da instituição parlamentar, tipificada no "Parlamento Modelo" de 1295, etc. Por se tratar, contudo, de questões periféricas para os nossos propósitos, centrar-nos-emos apenas na relação pessoal entre Edward e Leonor.

Boa parte das informações disponíveis sobre ambos e as *Eleanor Crosses* provém das centenas de milhares de páginas e *websites* disponibilizados na Internet. Pese embora a sua variável fiabilidade científica, todos eles convergem no enfoque dado à proximidade entre os cônjuges,¹⁴ manifestada, por exemplo, em deslocações conjuntas dentro e fora de Inglaterra;¹⁵ de todas essas viagens, destacaremos a efectuada à Terra Santa (entre 1270 e 1272, consoante as fontes), porque, segundo a lenda, Edward terá sido salvo da morte por Leonor, ao oferecer-se para sugar a ferida causada no marido

por um punhal envenenado.¹⁶ Tanto quanto sabemos, a historicidade deste episódio permanece por provar,¹⁷ sem que, no entanto e apesar de apócrifo, ele deixe de constituir um sinal de união entre os esposos, atestada e cimentada por trinta e seis anos de vida em comum.

Apesar da existência de várias versões dos acontecimentos, as circunstâncias históricas que precederam a morte de Leonor de Castela (1290), em Harby, Nottinghamshire,¹⁸ comprovam, na verdade, tal união.¹⁹ Assim, o falecimento de Alexander III da Escócia (1286) e, ainda em 1290, da sua neta e indigitada sucessora Margaret, *The Maid of Norway*, viriam a abrir uma crise sucessória que marcaria os últimos lustros do reinado eduardino;²⁰ ora a morte de Leonor ocorre praticamente nas vésperas do envolvimento inglês na delicada questão escocesa, conforme ressalta das seguintes transcrições:

He [Edward] and his queen had left Westminster at the end of July for their usual summer progress to the Midland shrines, hearing suits and petitions and hunting the great forests of Whittlewood, Rockingham and Sherwood. A further parliament had been called at Clipstone in Nottinghamshire in the autumn [21]

On October 25th, at his favourite hunting-lodge in the Nottinghamshire woodlands, surrounded by the magnates of the realm, Edward announced his plans Shortly before, he had despatched a Yarmouth ship to Bergen ... to bring the child queen of Scotland from her father's court in Norway to her kingdom and future husband [Edward of Carnarvon, n. 1284; Edward II, 1307-1327].

But a few days after Edward met his parliament at Clipstone a disturbing letter reached him. ... It reported a rumour that after a stormy voyage across the North Sea the Maid had died in the Orkneys at the end of September... .

Before confirmation could arrive, news even more dire reached the king. His queen had been taken suddenly ill at Harbey [sic] in Nottinghamshire. On November 28th she died in his arms. 'My harp is turned to mourning,' he wrote, 'in life I loved her dearly, nor can I cease to love her in death.' She had been his inseparable companion for thirty-six years For the rest of his life nothing ever went wholly right for him.

As the stricken king followed his wife's body on its long journey to Westminster, at each town and village where the bier rested he vowed to raise a cross to her memory. ... beautiful stone memorials rose during the next few years to express his love for his lost consort... .

A week before Christmas her body was laid in the Abbey ... Then, having bidden farewell to all that was happiest in his past, the king rode to the monastery of the Bonhommes at Ashridge which his cousin, Edmund of Cornwall [1249-1300], had founded. There, in the cold solitude of the Chiltern beech-woods, he spent his Christmas. (Bryant 126-128)

... after a successful campaign in Wales, he [Edward] then turned his attention to Scotland.

He wrote to Eleanor asking her to join him in the north, but she was taken ill on the journey and died in a little village called Harby in Nottinghamshire.

Edward was devastated and rushed back south to make arrangements for her funeral. ... It appears that Edward really loved his wife, as he ordered that two wax candles were to burn for all time beside her tomb in Westminster Abbey. They burned for two and a half centuries, and were extinguished only at the time of the Reformation.

Now that sounds like love in any language. ("The Eleanor Crosses — Monuments to an enduring love" in <<http://www.historic-uk.com/DestinationsUK/EleanorCrosses.htm>>)

Embora Edward tenha voltado a casar,²² a sua evocação, frequentemente citada, da primeira esposa como alguém "... whom living we dearly cherished, and whom dead we cannot cease to love." (*Apud* Agnieszka Sadraei, "Eleanor's Crosses" in <http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html>) prepara-nos de algum modo para a derradeira homenagem:

When Eleanor of Castile died, her husband ... was heart-broken for her 'whom living I have dearly cherished and whom dead I shall not cease to love'. As the body was brought from Hardby [sic; Harby] in Lincolnshire [sic; Nottinghamshire] to Westminster, memorial crosses were set up at each stopping-place, following perhaps an example ... given ... when St Louis's body was carried through France. At Hardby [sic], Edington, Blackfriars in London, and Westminster, perpetual endowments for Masses were set up, and priests were salaried and appointed to celebrate them. No less than twenty-two manors were given by Edward to Westminster. Day and night two large wax candles were kept burning by Eleanor's tomb, and on feast-days thirty were lit round it. And so it continued until the Reformation brought other modes. (Boase 59-60)²³

Na verdade, os pontos de paragem do cortejo fúnebre até Westminster, onde Leonor seria sepultada em túmulo encimado por uma efígie em bronze a corpo inteiro, ricamente trabalhada, da autoria de William Torel,²⁴ ficariam assinalados pela construção, entre 1291 e 1294, de doze cruzes de pedra.²⁵ Embora o objectivo fosse provavelmente o de convidar os viandantes a uma oração por alma da defunta rainha, assegurando ou acelerando a sua bem-aventurança eterna, o momento presta-se a analogias e metaforizações bíblicas, com o monarca, em jeito de quem cumpre uma dolorosa ‘via sacra’ pessoal, carregando a ‘cruz’ de uma inesperada viuvez até ao ‘calvário’ de Londres. Hoje em dia, porém, e consubstanciando o reconhecido gosto britânico pela organização de acontecimentos para fins assistenciais ou lúdicos, bem como o inegável potencial (re)criativo daquilo a que chamaríamos, com Hobsbawm, “a (re)invenção de tradições”, o itinerário régio de 1290 inspira provas de marcha e ciclismo entre Lincoln e a capital inglesa.²⁶

Das doze cruzes originais, erigidas por vontade e ordem expressas de Edward, mas custeadas pelo erário da própria Leonor, sobrevivem apenas três — as de Geddington, Hardingstone²⁷ e Waltham —, todas elas restauradas e distintas entre si, apesar do recurso comum ao estilo gótico decorado (*Decorated*),²⁸ além de fragmentos, como os da cruz de Lincoln, e de réplicas produzidas pelo revivalismo neogótico vitoriano, como a de Charing Cross, frente à estação ferroviária homónima. Uma crença romanticamente bonita, se bem que histórica e linguisticamente infundada, apresenta, aliás, o topónimo “Charing” como uma evolução de *Chère Reine*.²⁹

Conclusão

Vítima talvez de um excesso de significação decorrente das alegadas intraduzibilidade do termo e ‘portugalidade’ do sentimento, a história cultural da saudade (literária, filosófica, psicológica, etc...) permanece por escrever, apesar das apostas editoriais em histórias temáticas e da existência de numerosas obras, antigas e recentes, sobre este traço supostamente constitutivo e distintivo da identidade anímico-cultural portuguesa.³⁰ Mais documentadas estarão já as histórias do casamento, da mulher, do amor e da morte, mesmo social, espacial e temporalmente restringidas, para o que aqui nos

importa, à realeza europeia n(d)o Ocidente medieval.³¹ Desses estudos ressalta, sem grande surpresa, a frequente ausência, na equação matrimonial, de factores, motivações e sentimentos de afecto³² ou a sua subordinação a condicionalismos e circunstâncias político-diplomáticos, geoterritoriais, estratégico-militares e patrimoniais, aplicáveis também, em menor grau e escala, às classes nobres. E se é verdade que a Idade Média nos legou algumas das mais belas e tocantes histórias de amor,³³ parte delas surge veiculada a/por criações e tradições literárias e lendárias, não dispondo de uma sólida fundamentação histórica nem envolvendo sempre a realeza; por outro lado, históricos ou não, tais amores ocorrem não raro fora da esfera da conjugalidade, apesar da ‘tolerância’ com que a moral da época encarava e aceitava os relacionamentos, favoritismos e entusiasmos régios, mais ou menos duradouros, por concubinato, mancebia ... ou genuína paixão.

Estas duas relações amorosas — uma de finais do séc. XIII, entre um rei inglês e a sua rainha castelhana; outra de meados do século XIV, entre um príncipe português e uma fidalga galega (também sua alegada esposa) — sugeriram-nos este esboço proto-comparatista e tendencialmente pluridisciplinar³⁴ sobre os sentimentos, as vivências e as representações medievais da dor e do luto régios, públicos e privados, traduzidos(íveis) no plano arquitectónico, artístico e escultórico em panteões e funerais ‘de Estado’,³⁵ mas também — passe o paradoxo — na ‘intraduzibilidade’ do(s) sofrimento(s) pessoal(is) e íntimo(s) que aqui se presente(m).³⁶ Pese embora a diversidade de situações, poderíamos talvez aplicar a Edward as palavras de DUBY sobre Baudouin II, conde de Guisnes (c.1142-1204), após a morte de Christine (Ou Christiane) d’Ardres, sua esposa (1177):

Com que direito ... vamos nós considerar este luto uma afectação? Porque havemos de nos recusar a acreditar neste marido profundamente dorido? O facto de os casamentos serem todos combinados pelas famílias talvez não impedisse que ... alguns fossem bons, ... que se estabelecesse no seio do casal uma certa ternura. Resignemo-nos: o historiador destas épocas distantes não tem qualquer meio de sondar corações Um facto, pelo menos, ressalta claramente . . . : embora os pactos de noivado, que comprometiam raparigas muito novas, pudessem romper-se facilmente, o vínculo mantinha-se sólido depois das núpcias, depois da união dos corpos. (DUBY, *As Damas do Século XII* 2: 164-165)

Ou transpor o discurso final de Romeu em *Romeo and Juliet* (acto V, cena 3), antecedendo o beber do letal veneno,

para D. Pedro, contemplando o que haviam sido as nêvas
mãos e os louros cabelos de Inês:

. . . O my love! my wife!
Death, that hath suck'd the honey of thy breath,
Hath had no power yet upon thy beauty:
Thou art not conquer'd; beauty's ensign yet
Is crimson in thy lips and in thy cheeks,
And death's pale flag is not advanced there.
. . . Why art thou yet so fair? Shall I believe
That unsubstantial Death is amorous,
And that the lean abhorred monster keeps
Thee here in dark to be his paramour?
For fear of that I still will stay with thee,
And never from this place of dim night
Depart again: here, here will I remain
With worms that are thy chambermaids; O! here
Will I set up my everlasting rest.
And shake the yoke of inauspicious stars
From this world-wearied flesh.
(Shakespeare 771)

Fantasia da imaginação ensaística? Talvez...; mas, passados sete séculos sobre estas manifestações, elas testemunham, afinal e ainda, a pungência de algo que, por mais que se 'mate', permanece sempre de alguma forma 'intumulável': a Saudade.

¹ “Na tradição portuguesa, Pedro e Inês distanciaram-se das realidades do país em que viveram; tornaram-se ‘um dos símbolos em que a alma de Portugal se reconhecia’, transcenderam os limites do real, encarnando o mito do amor para além da morte. ... A terrível vingança de Pedro e a saudade que o acompanha ... perpetuam o drama na memória dos homens” (Sousa, *Inês de Castro na Literatura Portuguesa* 15-16). Esta ideia é várias vezes reiterada noutras obras da autora, por exemplo: “Concretização de um dos mitos eternos da Humanidade, o da permanência do amor para além da morte, a história ... de Pedro e Inês tem uma força que o monumento ... não deixa olvidar nem enfraquecer” (*Inês de Castro: Um Tema Português na Europa* 448) ou “A impressionante permanência da história de Inês de Castro como fonte literária e artística ... deve procurar-se na forma exemplar como ilustra um tema ... de todos os tempos, a luta do sentimento contra a razão, que por sua vez dá força ao mito da força do amor, ... mesmo para além da morte” (477; cf. também 144, 362 e 451).

² O casamento entre D. Pedro e D. Constança teve lugar em 1340.

³ “... corpo e alma abrasados no fogo do amor celtibérico...”, no dizer de Armando Martins Janeira (*Apud* Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 418).

⁴ Em 1382, D. Álvaro tornar-se-ia, de resto, o primeiro Condestável do reino (Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 34 e 391-2), antecedendo no cargo

o mais recente santo português (D. Nuno Álvares Pereira, 1360-1431). Curiosamente, uma geração mais tarde, outra personagem galega viria a ter um papel influente na condução da nossa política interna e externa: o conde Xoan Fernandez Andeiro, assassinado nos paços do Limoeiro, no dealbar da chamada “crise de 1383-85”.

⁵ Mais precisamente nas tragédias *Nise Lastimosa e Nise Laureada* (cf. Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 54ss). Sobre o episódio da coroação e a própria coroa queorna a estátua jacente, cf., da mesma autora, “A coroação de Inês de Castro” 81-119 e *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 54-64 *passim*.

⁶ António José Saraiva refere-se-lhes, porém, como “... os mais belos túmulos de escola francesa que se fizeram em Portugal, encomendados talvez a um artista residente em Espanha, talvez em Castela” (Saraiva, “Amor e morte” 48).

⁷ Dois óleos de Mestre Lima de Freitas (1927-1998), visionador e ilustrador do imaginário mí(s)t(ic)o português, intitulados “Até ao fim do mundo” (1984) e “A que depois de morta foi rainha” (1987), antecipam de algum modo tal reencontro (cf. reproduções como extratextos em Sousa, *Inês de Castro: Um Tema Português ...* N. pag).

⁸ Cf. a afirmação de Georges Duby, segundo a qual “A obra de arte maior do século XIV não é a catedral; mais do que o palácio, é o túmulo.” (237) Em capítulo intitulado “A morte de si próprio”, outro conhecido medievista, Philippe Ariès, fala-nos de uma personalização ou “individualização” das sepulturas naquela que designa de segunda Idade Média (a partir do século XII), traduzida em inscrições e esculturas tumulares, estas últimas pautadas por uma crescente preocupação ou intenção realista (39-42; cf. também 65-66).

⁹ *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa* 38ss; “Pedro I de Portugal e Inês de Castro” 61-65; e sobretudo *Inês de Castro: Um Tema Português ...* 478-479, estas últimas integradas no Anexo IV (“Heroínas paralelas”, 477-492), onde a especialista apresenta, comparando-os, outros exemplos provenientes do espaço histórico-cultural europeu da Baixa Idade Média.

¹⁰ Na circunstância o de Alfonso VIII (1158-1214) e Leonor Plantageneta ou de Inglaterra (1162-1214), filha dos já mencionados Henry II e Leonor de Aquitânia; como data do casamento, deparámos --- estranhamente, na mesma obra! --- com 1170 (Walker 75) e 1176 (Bullón-Fernández 18). Para Rose Walker, a celebração destes dois casamentos no mesmo local e no espaço de cerca de oitenta anos não foi uma coincidência, mas um acto político deliberadamente concebido e executado: “De facto, Afonso X nunca mais foi tão generoso com Las Huelgas como pela ocasião do casamento de Eleanor de Castela com o futuro Eduardo I de Inglaterra.” e “Assim, o casamento Anglo-Ibérico dinasticamente importante de 1254 deu novo ímpeto à memória distinguida dos fundadores de Las Huelgas e à sua união com sucesso de 1170” (Walker 90 e 94, respectivamente) Quanto a Las Huelgas, diversamente apresentado, consoante os autores, como convento, mosteiro ou abadia, data de 1187 (76), encontrando-se Alfonso e Leonor sepultados em túmulos colocados lado a lado.

¹¹ Em “The Eleanor Crosses: A Love Story in Stone”, Sara Eliot apresenta esta união como “(...) an arranged marriage which became true love” (<<http://www.timetravel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>>), acrescentando: “When they started married life, Edward and his Queen became inseparable. Where Edward went --- and he travelled widely --- so did she.”

¹² Parte integrante e a única sobrevivente do “império angevino” de Henry II, após as perdas joaninas (John, 1199-1216) e as tímidas tentativas de reconquista protagonizadas por Henry III (1216-1272), sogro de Leonor. De resto, pelo tratado de Paris (1259), Henry viria a reconhecer Louis XI (São Luís, 1226-1270) como seu suzerano, prestando-lhe homenagem pela Gasconha.

¹³ Uma outra colaboradora, Jennifer Goodman Wollock, acrescenta: “Como Filipa de Lancaster, ela [Leonor de Castela] merece ser alvo de estudo enquanto uma das rainhas cavaleirescas importantes na Baixa Idade Média Inglesa e Ibérica.” (33)

¹⁴ No artigo anónimo intitulado “The Eleanor Crosses: King Edward I’s 12 stone statues showing love and grief for his wife”, tal proximidade é ilustrada através de um

argumento curioso: “The couple appeared to have been happy together. Unlike medieval kings, Edward had no known mistress or bastard children.” (<<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>)

¹⁵ “Despite the marriage being an arranged match, historians agree that King Edward and his queen were devoted to each other. Eleanor travelled almost everywhere with her husband, even accompanying him on crusade.” (Rachel Bellerby, “The Medieval Eleanor Crosses Built by King Edward I to Mourn Eleanor of Castile” in <http://highmiddleages.suite101.com/article.cfm/the_medieval_eleanor_crosses>)

¹⁶ Segundo Sara Eliot, “In 1272 Edward led his army to the Holy Land in the Ninth Crusade, accompanied by his Queen. ... At Haifa Edward was stabbed with a poisoned dagger. Legend has it that Eleanor herself saved his life by sucking the poison from the wound ...” (<<http://www.timetravel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>>) Esta informação reaparece noutros *websites*, por exemplo: “There is a legend that Eleanor once saved Edward’s life by sucking the poison from a wound he received while fighting in the Holy Land. This tale is unlikely to be true; it did not appear until well after the couple were dead, but it does show the extent to which their devotion to each other was known.” (<<http://www.britainexpress.com/History/eleanor-crosses.htm>>)

¹⁷ “... Edward’s crusade has become famous for the romantic story of the attack on the future king by a Moslem assassin. His wife, Eleanor of Castile, is said to have sucked the poison from the wound. Regrettably, the story is highly suspect: an earlier version has Edward’s great friend the Savoyard noble Otto de Grandson perform this task, but the most reliable account tells of an operation by surgeons, with the wailing Eleanor ordered firmly from the room — she was told that it was better that she should be in tears than the whole land of England weep.” (Prestwich 7)

¹⁸ Praticamente na fronteira com o vizinho condado de Lincolnshire, o que explica a indicação ocasional deste último; em todo o caso, não deverá confundir-se com Harby, Leicestershire. A morte da rainha deu-se na mansão de Richard de Weston (<<http://www.harby.org.uk/Eleanor.htm>> e <<http://www.seiyaku.com/customs/crosses/eleanor.html>>, etc.), encontrando-se Edward presente (<<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>).

¹⁹ “... in the middle of November, came the news that his [Edward’s] wife was ill at Harby, near Lincoln, where Edward may have left her some weeks earlier. He was with her when she died ... and followed her bier for most of the way on its slow progress to Westminster.” (Powicke 513); segundo outras fontes, Edward terá, porém, integrado o cortejo durante todo o percurso (<<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>)

²⁰ Através da arbitragem entre John Balliol e Robert Bruce (1292), da deposição nominal de Balliol (1296), seu antigo candidato, dos recontros de Stirling Bridge (1297) e Falkirk (1298), da consolidação do patriotismo escocês com William Wallace e da fragilidade do projecto de conquista, patente na derrota inglesa de Bannockburn (1314), já no reinado de Edward II (1307-1327), filho e sucessor de Leonor e Eduardo e, desde 1301, o primeiro Príncipe de Gales.

²¹] Como curiosidade histórica, citamos Brian Conduit: “Sherwood was a popular hunting ground with nearly all medieval monarchs from Henry I [1100-1135] to Richard III [1483-1485]. It was conveniently close to the royal castle at Nottingham and around the middle of the 12th century, Henry II built a hunting lodge in the heart of the forest at Clipstone, known ... as King John’s Palace. The palace was used a great deal over the following three centuries and was enlarged several times. ... Not far from the palace stand the remains of an ancient oak tree under whose branches Edward I is alleged to have held a meeting of Parliament in 1290, hence its name Parliament Oak.” (8; cf. também 32 e 35)

²² “Edward was to remarry in 1299, but his second queen, the King of France’s sister Margaret, was never to occupy as strong a place in his affections as Eleanor had done.” (Prestwich 24-25)

²³ Agnieszka Sadraei corrobora esta alegada influência do exemplo francês: “The precedence for Eleanor’s crosses was sought in Louis IX’s *montjoies*, erected to mark the passage of his funeral procession from Aigues-Mortes to Paris in 1270 and constructed

to aid his canonization process. However, it is doubtful that the English crosses were intended to promote the idea that Eleanor was a saint. Instead they seem to have been designed as cenotaphs or memorials.” (in <http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html>)

²⁴ Acrescente-se que estamos a falar da sepultura propriamente dita, uma vez que, após o embalsamento, as vísceras da rainha seriam depositadas na catedral de Lincoln, em arca funerária encimada por uma cópia da estátua jacente de Westminster, e o coração enterrado na igreja de Blackfriars, Londres, em túmulo que não logrou sobreviver.

²⁵ São elas: Lincoln, Grantham, Stamford, Geddington, Hardingstone (próximo de Northampton), Stony Stratford, Woburn, Dunstable, St. Albans, Waltham (actualmente Waltham Cross), Westcheap (Cheapside) e Charing (Charing Cross, em pleno centro de Londres).

²⁶ É o caso da *Queen Eleanor Walk*, realizada entre 17 e 31 de Agosto de 2009 (cf. <http://www.kettering.gov.uk/site/scripts/news_article.php?newsID=282>), e da *Queen Eleanor Cycle Ride*, entre 2 e 5 de Maio de 2008, novamente agendada para 2010 (cf. <<http://www.queeneleanorcyclerride.org.uk>>).

²⁷ Segundo uma tradição local, a cruz de Hardingstone terá sido derrubada pelo voo excessivamente rasante de um avião durante a Segunda Guerra Mundial; cf., entre outros, <http://www.paradoxplace.com/Photo%20Pages/UK/British%20History/Eleanor%20Crosses/Eleanor_Crosses.htm>.

²⁸ “Although much damaged by time and the iconoclast, with their canopied niches and delicately carved statues, their free-flowing foliage and tracery, their pinnacles, finials and delicate crowning crosses, they are exquisite examples of the new Decorated style which ... had begun to replace the austerity of early English Gothic.” (Bryant 128)

²⁹ OE *cyring*, *cearring* ou *cerring*, significando “curva de rio” (cf., por exemplo, Eliot in <<http://www.timetravel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>> e <<http://www.seiyaku.com/customs/crosses/eleanor.html>>), o que se aplica ao curso do Tamisa, acompanhando o Embankment em direcção a Westminster.

³⁰ Sem pretendermos remontar já a D. Duarte, Teixeira de Pascoais (1877-1952), etc., tanto mais quanto não é nosso propósito reflectir sobre a saudade *per se*, cf., por exemplo, Vasconcelos, Dias, Costa e Gomes, Lourenço, Filippi, etc.

³¹ Seria, uma vez mais, pouco funcional multiplicar referências, ainda que exemplificativas, sobre estes tópicos, razão pela qual nos limitaremos a indicar, sobre o casamento, Brooke e Goody; sobre a mulher, Shahar 131-138, Duby e Perrot e Christiane Klapisch-Zuber, ed.; sobre o amor, Rougemont e AAVV; e, finalmente, sobre a morte, Ariès e Duby, “A morte” 235-268. Mesmo reportando-se sobretudo ao espaço românico-francófono, a trilogia de Duby, *As Damas do Século XII*, abarca transversalmente as quatro áreas mencionadas.

³² Numa generalização um tanto crua, mas sancionada pela história matrimonial de Henry VIII (1509-1547), escreve Christopher Brooke: “Os reis procuravam o casamento, acima de tudo, para obterem herdeiros do sexo masculino e para sua satisfação pessoal; se a esposa não servia, trocavam-na.” (110)

³³ “... é na Idade Média que vamos encontrar, criados ou revividos, os grande casos amorosos históricos ou lendários que a literatura imortalizou e que através dos séculos mantiveram a atracção de um modelo inatingível e serviram de hiperbólico termo de comparação aos poetas de todos os tempos.” (Sousa, “Amor para além da morte” [55]); na verdade, além de Pedro e Inês, apontem-se Tristão e Isolda, Lancelot e Guinevere, Abelardo e Heloísa, Amadis e Oriana, etc., já sem falar de exemplos legados pela literatura e mitologia clássicas, baladística, dramaturgia shakespeariana, narrativa e poesia (ultra-)românticas, etc. No âmbito de uma ‘lirica trovadoresca’ de inspiração ou temática inesiana que, por razões fáceis de compreender, encontra forte tradição e cultivo em Coimbra, Miguel Torga (1907-1995) referir-se-ia, aliás, à Colo-de-Garça como “... eterna Julieta castelhana [sic]/Do Romeu português.” (*Apud Sousa, Inês de Castro: Um Tema Português...* 434)

³⁴ Conforme reconhece Christopher Brooke, “O casamento tem sido analisado por estudiosos da história social, teólogos, historiadores da lei, estudantes de literatura de diversas línguas, e especialistas em arte e arquitectura. Mas nem sempre compreenderam a linguagem uns dos outros.” (9) A própria interpretação antropológico-cultural da Dança da Morte, merecedora de vasta figuração visual num século historicamente marcado pela Peste Negra (1348-9, com surtos posteriores até final do século e para além dele), constitui um exemplo das possibilidades abertas pelo cruzamento e confronto intersemióticos de diferentes linguagens.

³⁵ No caso de Leonor de Castela, “foi um enterro notoriamente régio, desde a heráldica na pedra tumular e na almofada sob a cabeça da efígie, ao ceptro na sua mão e às jóias postas na sua coroa e vestido. Mesmo dentro do túmulo, o corpo encontrava-se vestido com roupas régias, coroa e ceptro. A sua efígie tumular em bronze dourado, a maior até agora produzida em Inglaterra, foi pioneira e executada com mestria notável.” (Walker 86)

³⁶ “... as well as monuments to dynastic glorification, they [the crosses] also stood as an expression of personal grief. And it can be argued that they were intended as a manifesto in favour of the queen, directed at Eleanor’s adversaries in the royal circles and amongst the higher clergy who frequently criticized her greed and opportunism in accumulating estates.” (Agnieszka Sadraei in <http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html>)

BIBLIOGRAFIA

- AAVV. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Pref. Georges Duby. Mem Martins: Terramar — Editores, Distribuidores e Livreros, Lda., 1992 (*Amour et Sexualité en Occident*. Paris: Société d’Études Scientifiques, 1991).
- Ariès, Philippe. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2.ª ed.. Lisboa: Editorial Teorema Lda., “Teorema”, 6, 1989 (*Essais sur l’histoire de la mort en Occident du Moyen Age à nos jours*. S.l.: Éditions du Seuil, 1975).
- Boase, T. S. R.. *Death in the Middle Ages. Mortality, Judgment and Remembrance*. London: Thames and Hudson Ltd., “Library of Medieval Civilization”, 1972.
- Brooke, Christopher. *O Casamento na Idade Média*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 12, 1991 (*The Medieval Idea of Marriage*. Oxford: Oxford University Press, 1989).
- Bryant, Arthur. *The Story of England — The Age of Chivalry*. London: Collins, 1963.
- Bullón-Fernández, María. “Nem todos os caminhos vão dar a Roma: Intercâmbio Anglo-Ibérico na Idade Média”. *A Inglaterra e a Península Ibérica na Idade Média — Séc. XII-XV. Intercâmbios Culturais, Literários e Políticos*. Org. María Bullón-Fernández. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 46, 2008. 13-21 (*England and Iberia in the Middle Ages, 12th-15th Century: Cultural, Literary and Political Exchanges*. S.l.: Palgrave/Macmillan, 2007).
- Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, Lda., 1972.

- Conduit, Brian. *Exploring Sherwood Forest*. Clapham, via Lancaster: The Dalesman Publishing Company, 1985.
- Costa, Dalila L. Pereira da e Pinharanda Gomes. *Introdução à Saudade: Antologia Teórica e Aproximação Crítica*. Porto: Lello & Irmão, 1976.
- Dias, Jorge. *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Essencial”, 6, 1985.
- Duby, Georges. *As Damas do Século XII – 1: Heloísa, Leonor, Isolda e muitas outras*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, “Série Especial”, 17, 1996 (*Dames du XIIe Siècle*. S.l.: Éditions Gallimard, 1995).
- . *As Damas do Século XII – 2: Lembranças das Antepassadas*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, “Série Especial”, 20, 1996 (*Dames du XIIe Siècle — Le souvenir des aieules*. S.l.: Éditions Gallimard, 1995).
- . *As Damas do Século XII – 3: Eva e os Padres*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, “Série Especial”, 21, 1997 (*Dames du XIIe Siècle — Ève et les prêtres*. S.l.: Éditions Gallimard, 1996).
- . “A morte”. *A Europa na Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema Lda., “Teorema”, 13, 1989. 235-268 (*L’Europe au Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 1981).
- . e Michelle Perrot. *Imagens da Mulher*. Porto: Edições Afrontamento, 1992 (*Images de Femmes*. S.l.: Plon, 1992).
- Filippi, Sergio. *A Saudade: Apontamentos para um Estudo*. Porto: Lello & Irmão, 1981.
- Goody, Jack. *Família e Casamento na Europa*. Oeiras: Celta Editora Lda., 1995 (*The Development of the Family and Marriage in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983).
- Huizinga, Johan. “The Vision of Death”. *The Waning of the Middle Ages*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books Ltd., 1955. 140-153 (1924).
- Klapisch-Zuber, Christiane, ed. *História das Mulheres — A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento Lda., “História das Mulheres no Ocidente” (dir. Georges Duby e Michelle Perrot), vol. II, 1993 (Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 1990).
- Lopes, Fernão. *As Crónicas de ---. Crónica de El-Rei D. Pedro. Crónica de El-Rei D. Fernando. Crónica del-Rei D. João, seleccionadas e transpostas em português moderno* por António José Saraiva. Queluz de Baixo: Portugália Editora, “Antologias Universais”, s.d.
- Lourenço, Eduardo. *O Labirinto da Saudade — Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1978.
- Powicke, Sir Maurice. *The Thirteenth Century, 1216-1307*. 2.nd ed. Oxford: Clarendon Press, “The Oxford History of England” (ed. Sir George Clarke), IV, 1970 (1953).
- Prestwich, Michael. *The Three Edwards. War and State in England 1272-1377*. London: Methuen & Co. Ltd., “University Paperbacks”, 755, 1981 (S.l.: Weidenfeld & Nicolson Ltd., 1980).

- Rougemont, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. 2.^a ed.. Lisboa: Moraes Editores, “Margens do Texto”, 21, 1982 (*L’Amour et l’Occident*. S.l.: Librairie Plon, 1939).
- Saraiva, António José. “Amor e morte”. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal — Partes I e II*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda., “Cultura e História”, 1996. 47-51.
- . “Os túmulos de Alcobaça”. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal — Partes I e II*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda., “Cultura e História”, 1996. 51-55.
- Shahar, Shulamith. *The Fourth Estate. A history of women in the Middle Ages*. London and New York: Methuen & Co. Ltd, 1984 (1983).
- Shakespeare, William. *The Complete Works of ---*. Pref. Sybil Thorndike. London: Murray Sales & Service Co., “Rex Library”, 1973.
- Sousa, Maria Leonor Machado de. “A coroação de Inês de Castro”. *Mito e Criação Literária*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., “Horizonte”, 46, 1985. 81-119.
- . “Amor para além da morte”. *Mito e Criação Literária*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., “Horizonte”, 46, 1985. 53-80.
- . *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*. Lisboa: Editorial Vega, col. “Universidade”, n.º 18 [1979].
- . *Inês de Castro na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, “Biblioteca Breve”, 96, 1984.
- . *Inês de Castro: Um Tema Português na Europa*. 2.^a ed. revista e actualizada. Lisboa: ACD Editores, 2004 (Edições 70, 1987).
- . “Pedro I de Portugal e Inês de Castro”. *Portugal: Mitos Revisitados*. Org. Yvette Kace Centeno. Lisboa: Edições Salamandra, Lda., 1993. 51-68.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de. *A Saudade Portuguesa: Divagações filológicas e literar-historicas em volta de Inez de Castro e do cantar velho Saudade minha — Quanto te veria?* Porto: Renascença Portuguesa, 1914.
- Walker, Rose. “Leonor de Inglaterra e Eleanor de Castela: Casamento Anglo-Ibérico e intercâmbio cultural nos séculos XII e XIII”. *A Inglaterra e a Península Ibérica na Idade Média — Séc. XII-XV. Intercâmbios Culturais, Literários e Políticos*. Org. María Bullón-Fernández. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 46, 2008. 75-94 (*England and Iberia in the Middle Ages, 12th-15th Century: Cultural, Literary and Political Exchanges*. S.l.: Palgrave/Macmillan, 2007).
- Wollock, Jennifer Goodman. “A Inglaterra e a Península Ibérica medievais: Uma relação cavaleiresca”. *A Inglaterra e a Península Ibérica na Idade Média — Séc. XII-XV. Intercâmbios Culturais, Literários e Políticos*. Org. María Bullón-Fernández. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda., “Forum da História”, 46, 2008. 23-39 (*England and Iberia in the Middle Ages, 12th-15th Century: Cultural, Literary and Political Exchanges*. S.l.: Palgrave/Macmillan, 2007).

Websites:

- Anónimo. "Eleanor Crosses". *Britain Express*. David Ross. n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.britainexpress.com/History/eleanor-crosses.htm>>.
- Anónimo. "Eleanor Crosses". *Paradoxplace*. Adrian Fletcher. n.d. Web. 17.01.2010. <http://www.paradoxplace.com/Photo%20Pages/UK/British%20History/Eleanor%20Crosses/Eleanor_Crosses.htm>.
- Anónimo. "Eleanor Crosses". *seiyaku.com*. n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.seiyaku.com/customs/crosses/eleanor.html>>.
- Anónimo. "Queen Eleanor Crosses Way Walk to be launched". *Kettering Borough Council*. 10.08.2009. Web. 17.01.2010. <http://www.kettering.gov.uk/site/scripts/news_article.php?newsID=282>.
- Anónimo. "The Eleanor Crosses: King Edward I's 12 stone statues showing love and grief for his wife". *History and traditions of England*. WordPress. 25.06.2009. Web. 17.01.2010. <<http://www.webhistoryofengland.com/?p=184>>.
- Anónimo. "The Eleanor Crosses — Monuments to an enduring love". *Historic-Uk.com*. n.p., n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.historic-uk.com/DestinationsUK/EleanorCrosses.htm>>.
- Anónimo. "The Queen Eleanor Cycle Ride". n.p., n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.queeneleanorcycl ride.org.uk>>.
- Bellerby, Rachel. "The Medieval Eleanor Crosses Built by King Edward I to Mourn Eleanor of Castile". *suite101.com*. n.p., n.d. 19.05.2008. Web. 17.01.2010. <http://highmiddleages.suite101.com/article.cfm/the_medieval_eleanor_crosses>.
- Croft, Richard. n.p., n.d. Web. 17.01.2010. <<http://www.harby.org.uk/Eleanor.htm>>.
- Eliot, Sara. "The Eleanor Crosses: A Love Story in Stone". *TimeTravel-Britain.com*. Moira Allen, 2008. Web. 17.01.2010. <<http://www.time-travel-britain.com/articles/history/eleanor.shtml>>.
- Sadraei, Agnieszka. "Eleanor's Crosses". *A&A. art and architecture*. The Courtauld Institute of Art, n.d. Web. 17.01.2010. <http://www.artandarchitecture.org.uk/insight/sadrei_eleanorcross.html>.